



Contando Causos: Ensaio Sobre Incomunicação Na Perspectiva Da Folkcomunicação Científica para o desenvolvimento.¹

Betania Maciel², Cristiana Rodrigues, Ernandes Luiz Tavares da Silva, Daniel Ferreira, Simone Maria da Conceição, Silvana Luna de Andrade, Taís Paranhos³

Resumo

A pesquisa aborda barreiras culturais na comunicação, a partir dos estudos da Folkcomunicação e o impacto que a ciência possui dentro das comunidades locais. Realizamos a revisão de literatura bibliográfica, tendo como foco os estudos de John Parry. Analisamos as barreiras da comunicação, através deste estudo, foi desenvolvido textos onde apresentam casos de incomunicação entre no processo de comunicação. Abordou-se sobre a interação do indivíduo na sociedade; a comunicação intercultural para verificar a importância da linguagem popular, na comunicação científica. Tratando aspectos coloquiais, símbolos e expressões; e a adaptação intercultural com objetivo de analisar fases do impacto cultural e formas de comunicação. identificamos quais as barreiras através das formas de expressão nos casos expostos.

Palavras-chave

Folkcomunicação, Cultura científica, Desenvolvimento Local , Extensão Rural e Comunicação Intercultural.

I. Oxente, por aqui, fala-se muito enrolado

O pano de fundo é o cenário do plenário de uma das assembleias legislativas brasileiras. Uma das maiores instâncias parlamentares situada no nordeste brasileiro, que congrega 49 cidadãos, aptos e eleitos pelo povo, a representar os interesses da sociedade.

Semanalmente são realizadas as sessões plenárias, com debates, proposições, apresentação de projetos de lei e acaloradas discussões. Os tais representantes sobem a uma espécie de púlpito para defender posições políticas e partidárias, proposições, relatar algum fato bárbaro, descabido e até exemplificar para a sociedade acontecimentos importantes e positivos.

¹ Trabalho apresentado Intercom Regional. Trabalho apresentado na Disciplina Comunicação e informação científica para o desenvolvimento

² Doutora em comunicação social. Professora da Disciplina Comunicação e Informação Científica para o Desenvolvimento. POSMEX/UFRPE

³ Mestrando em Extensão Rural e Desenvolvimento Local - POSMEX - da Universidade Federal Rural de Pernambuco



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013

Diante de tais oratórias, assiste-se a uma enxurrada de (in)comunicações, pautadas na falta de postura, presunção, fala enrolada, apresentação confusa, falta de familiaridade com o assunto, limitação da capacidade do receptor, além de uma total distração por parte de quem recebe as informações, entre tantas outras dificuldades que os parlamentares revelam diante de seu público. Estes discursos contêm uma série de vícios de comunicação que encontram justificativa nas Barreiras da Comunicação mencionadas no Livro de John Parry, “Psicologia da Comunicação”, 1972.

O deputado James Bond consegue fazer com que a platéia – o cidadão comum, os assessores, os profissionais de imprensa, e os demais deputados - simplesmente procurem realizar qualquer atividade a ter que prestar atenção em suas palavras. Dono de uma dicção horrível, recheada de uma fala embolada e expressa de forma muito rápida como quem narra uma transmissão de futebol ou uma corrida de cavalos, adota uma metodologia nas referidas sessões, no mínimo, duvidosa, quanto à sua funcionalidade. Resultado: muitos conversam, checam mensagens nos celulares, em dispositivos móveis e poucos prestam atenção no relato. Já os profissionais de imprensa que têm como matéria-prima as informações relatadas recorrem às Ordens do Dia, material preparado previamente e que traduz os assuntos que serão abordados.

O mesmo relator, mal espera o relato dos projetos que estão sendo apresentados e já os toma como aprovados, sequer dando tempo para os pronunciamentos e posicionamentos contrários, passando uma impressão de que tudo fica resolvido em outros momentos, escondidos do conhecimento soberano, que é o do povo. Na abertura da votação é pronunciado, enroladamente, é claro, “está aberto o debate” e assim que fala esta frase, complementa, “não havendo discussão, segue para votação”. O curioso que o mesmo dirigente(comunicador) não desprende os olhos da ata à sua frente e sequer faz qualquer movimento com a cabeça na intenção de observar as posturas dos demais à sua volta.

Outra cena curiosa, é que quando o projeto segue para votação, o político que permanecer sem mexer o corpo ou fazer qualquer aceno concorda com a proposição. Novamente, o político da Casa Legislativa profere enroladamente “o parlamentar que concorda, permaneça na posição em que está” e sequer olha para o plenário, a fim



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013

de observar a movimentação dos parlamentares. Mera adivinhação, puro descaso ou será que tudo já não foi combinado?

John Parry define essa situação como “apresentação confusa”, caracterizando o processo “como mensagem pouco explícita, em que o impacto da mensagem é borrado ou enfraquecido, em que o receptor extrai uma noção confusa do que se espera que ele compreenda, ou leva um tempo desnecessariamente longo para chegar ao âmago da questão apresentada”.

Sem dúvida, a mensagem desse emissor, é interpretada de diferentes maneiras pois é emitida para indivíduos variados em relação aos meios. Existem visualizadores, verbalizadores e especialistas, cada qual com o seu modo defletido de assimilação. Segundo Parry, “não pode haver uma forma ideal de transmitir informação complexa a todos”. O estudioso acredita que o possuidor da informação “deveria ter essas diferenças em mente e fazer o possível para tomar em consideração todas as espécies de receptores”.

Os princípios da apresentação clara são de grande importância para a informação e para a educação. Radicalmente, John Parry garante que não apenas os medíocres e os inadequados que tem dificuldades de se comunicar. “De tempos em tempos, ouvimos falar de homens de grande distinção que se viram atribulados de maneira semelhante. É muito difícil explicar esses paradoxos, e cumpre resistir à tentação de invocar lugares-comuns psiquiátricos para elucidá-los”. E mais, definem algumas dessas características como problemas psicológicos: “essas tensões podem ter constituído uma condição de suas realizações, e a eliminação delas talvez houvesse convertido os seus possuidores em pessoas capazes, porém comuns”.

O mais incrível, talvez, é que estes espaços legislativos contam com uma equipe de técnicos especializados em Comunicação, em suas diversas ramificações. Uma das soluções significativas seria adaptar a participação dos parlamentares em capacitações de oratória, de transmissão adequada das informações, para que o acesso aos dados fosse assegurado. Se o deputado James Bond é imprescindível em sua função e ocupa



um lugar de destaque na casa legislativa e precisa comandar as sessões plenárias, lançar-se-ia mão de recursos visuais, por exemplo, que serviriam de alicerce ao banco de dados. Argumento que nos faz recair em outra barreira da Incomunicação, que é a total ausência de recursos da comunicação. Conceito defendido por L. Goldman, que assegura que “existem efetivamente informações cuja compreensão é incompatível com as características fundamentais deste ou daquele grupo social”.

II Um Caso De Incomunicação Da Folha De Pernambuco E Do Instituto Pró-Vida.

Outro aspecto igualmente relevante é a observação do povo, do homem comum, do cidadão, de uma platéia mista, com pessoas estudadas, aquelas que não tiveram acesso aos estudos, entre tantos outros cidadãos comuns, que assistem diariamente as referidas sessões, que buscam estas informações neste universo limitado, específico, recheado de expressões e jargões do meio legislativo e que ao buscar o esclarecimento das informações, deparam-se com estes ruídos de comunicação, como fala enrolada e apresentação confusa. Como participar destas discussões, como acompanhar a atuação dos políticos que foram eleitos pela vontade soberana, como criticar, compor, analisar, divulgar ?

Para G. Wersig o agente de comunicação deve agir como comunicador, procurando adequar sua mensagem (forma e conteúdo, apresentação e linguagem) às condições de compreensão do receptor a quem se destina, isto é, o usuário final da informação que está sendo comunicada. dia em que a condição humana foi maculada: um caso de incomunicação da Folha de Pernambuco e do Instituto Pró-Vida.

A partir do artigo científico “Quinze casos de incomunicação: Considerações sobre o texto de Parry (MACIEL, et al, 1998), a partir dos preceitos estabelecidos com as barreiras de comunicação por John Parry. A intenção, aqui, é trazer a análise de uma campanha publicitária do Instituto Pró-Vida de Pernambuco no jornal local Folha de Pernambucano como caso de barreiras de comunicação ou exemplo de incomunicações.



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013

O anúncio foi veiculado no dia 03 de setembro de 2012, que trazia a frase “Homossexualismo, exploração sexual de menores, prostituição e pedofilia - Pernambuco não te quer”, conforme abaixo:



A peça publicitária trouxe uma reação imediata dos leitores e internautas pelas redes sociais, principalmente pelo Facebook da Folha de Pernambuco. Mais de oito mil usuários da rede expuseram suas opiniões em não aceitar o fato do Instituto Pró-vida, que colocou em um mesmo anúncio temas tipificados pela lei como criminosos junto com o termo homossexualismo.

O anúncio foi considerado homofóbico pelos internautas e leitores que se indignaram com o tema homossexualidade aparecer entre os tópicos a ser combatido pela população pernambucana. Mistura a homoafetividade – chamada de “homossexualismo”, como se fosse uma disfunção social ou uma doença – junto à pedofilia, à prostituição e ao turismo sexual, afirmando que Pernambuco “não quer” a homossexualidade – e, por consequente, “não quer” homossexuais”.

Após receber inúmeras críticas por parte de leitores e internautas o jornal Folha de Pernambuco divulgou uma nota de retratação declarando que “com referência ao anúncio publicitário autorizado e pago pelo Instituto Pró-Vida PE publicado na edição de segunda, dia 3 de setembro, a Folha de Pernambuco afirma que o seu conteúdo de forma alguma reflete a opinião do Jornal. Ao longo dos seus 14 anos, a Folha vem construindo e mantendo uma relação de respeito junto aos seus leitores focado na promoção dos direitos humanos, inclusive da comunidade LGBT, com quem o jornal mantém diálogo constante”.

A página do Instituto Pró-Vida de Pernambuco na rede social Facebook também apresentava conteúdo homofóbico e foi retirada do ar após milhares de denúncias de internautas que se revoltaram com a atitude da instituição. Logo a seguir a nota de esclarecimento do jornal divulgada no seu Facebook. No dia seguinte da edição do dia 03 de setembro, a Folha de Pernambuco trazia na capa a mesma nota de esclarecimento para os leitores.

Longe de repudiar ou discutir posições ideológicas, a ideia central neste estudo de caso é analisar a repercussão da mensagem (o anúncio) - dada a uma condição humana, ao chegar no receptor (seja ele leitor ou internauta) através de um canal (o jornal) a partir do emissor (Folha de Pernambuco), trazendo elementos para reflexões de barreiras de



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013

comunicação, ou seja, de uma incomunicação. Assim também John Parry (1972) analisando situações do cotidiano para seus estudos comunicacionais.

Para Maciel (et al, 1998) as barreiras estão relacionadas diretamente como o receptor recebe a mensagem, não sabendo distingui-la. Como que, nem todos os fracassos de comunicação acarretam um mal-entendido específico.

De acordo com Parry (1972), são sete as principais barreiras à comunicação humana: Limitação da capacidade do receptor, Distração (ruído), Presunção não enunciada, Incompatibilidade dos planos, Intrusão de mecanismos inconscientes ou parcialmente conscientes, Apresentação confusa e Ausência de recursos de comunicação.

Voltando ao objeto de análise, o caso do anúncio publicitário do Instituto Pró-Vida veiculado na Folha de Pernambuco, as barreiras de comunicação identificadas nessa situação, sob o aporte de Parry, são Presunção não enunciada, Incompatibilidade dos planos, Intrusão de mecanismos inconscientes ou parcialmente conscientes e Apresentação confusa.

Para Parry, a Presunção não enunciada é mais comum dos mal-entendidos cotidianos, residem no fazer a pessoa que fala ou escreve uma suposição que no entender, não precisa ser explicitada. A suposição pode referir-se ao significado de uma palavra ou de uma frase, à informação implícita numa proposição, ou ao conhecimento de toda uma área de discussão. Situando no caso do anúncio publicitário, é uma barreira essencialmente de caráter cognitivo, o que gerou repercussão e conflitos de debate.

A Incompatibilidade dos planos aponta que a mesma informação significa coisas muitíssimo diferentes para diferentes pessoas e, muito embora se saiba que ocorrem disputas, às vezes acirradíssimas, em torno dessas coisas, tem-se geralmente a impressão de que um pouco de paciência e um pouco de simplificação, que não leva em conta três questões fundamentais. A primeira é que a recepção da informação acarreta uma dose muito maior de interpretação do que o supõe a maioria das pessoas; a segunda se refere aos meios pelos quais se efetua a interpretação; a terceira, à extensão em que tais meios variam de uma pessoa para outra, ou até mesmo indivíduo, em diferentes fases de sua vida (PARRY, 1972).

Remetendo ao caso da Folha de Pernambuco e do Instituto Pró-vida, requer um esforço muito grande dos leitores e dos internautas para compreenderem a mensagem do anúncio publicitário diante das suas convicções e das suas visões de mundo, o que resultou numa repercussão a ponto do veículo de comunicação emitir uma nota de retratação. Ao mesmo tempo, requer do emissor Folha de Pernambuco/ Instituto Pró-Vida outro comportamento de ideias e pensamentos diferentes do receptor (leitores e internautas), daí a “incompatibilidade de planos”.

Intrusão de mecanismos inconscientes ou parcialmente conscientes, segundo Parry (1972), ocorre quando o indivíduo interpreta o comportamento de outro em função das próprias necessidades e impulsos conscientes; cabe ao teste projetivo pôr a nu a direção dessas necessidade. Trazendo para o nosso objeto de análise – o anúncio publicitário, o receptor tende a interpretar a informação de acordo com os seus desejos, suas



convicções e os seus medos. A interpretação desempenha um papel muito maior na recepção da informação do que se costuma reconhecer. No estudo de caso em evidência, acontece uma a repercussão da mensagem recebida por parte dos leitores e internautas.

Já Apresentação confusa, ocorre quando as perdas decorrentes de uma apresentação confusa chegam a determinar a qualidade da informação contida em todos os tipos de material técnico, como também de leituras diversas. A mensagem (o anúncio publicitário do Instituto Pró-Vida na Folha de Pernambuco) - pouco explícita – levou interpretações confusas dentro dos limites do texto apresentando elementos que conturbam a informação.

Em suma, essas barreiras existem para serem trabalhadas e diminuir assim os conflitos ou ruídos dos processos da comunicação (BERLO, 1999; REGO, 1986) ou a falência da mesma (HABERMAS, 2002). A comunicação pressupõe conhecimento. Esse conhecimento gera e produz educação e desde os primórdios da sociedade, a mesma não é igualitária e, com a globalização, tornou-se mais forte a demonstração da exclusão, assim como a intolerância com a diferença entre sociedades, seus comportamentos e culturas. Mesmo assim, se vê como uma sociedade moderna. Quanto menos acesso a sociedade tem à educação ou aos conhecimentos, ou até mesmo, à liberdade de questionar e pesquisar sobre seus pontos comuns do dia a dia e suas transformações, maior é a exclusão e a não formação ou conscientização da cidadania do indivíduo que se subentende em democracia (MACIEL, et al, 2005).

III Não quero deixar o meu “melhor”

Precisamente nos anos de 2010 e 2011, o Ministério da Saúde, através do Sistema Único de Saúde (SUS), lançou em todos os meios de comunicação, como também nas redes sociais e afins, uma propaganda de incentivo a doação de órgãos.

Usaram a figura global do ator José de Abreu, conhecido nacionalmente por sua atuação em telenovelas, cinema e teatro para estrelar a campanha. Não fosse a mensagem final da propaganda, o resto da mesma estaria perfeito, a busca por um órgão que dê esperança e traga o paciente a uma nova vida é um fato no país e no mundo. Após todos os dizeres em cena, o ator encerra a sua fala dizendo: Doe órgãos, deixe o seu melhor.

Modesta a parte e falando francamente, entendi esta frase como um belo exemplo de desprezo e incompreensão com tudo que o ser humano pode desenvolver e produzir em sua vida. Será que me destacando profissionalmente, socialmente ou pessoalmente e a partir daí deixando o meu melhor como ensinamento, conhecimento e exemplo de vida, no final das contas o que valerá é um pedaço de fígado ou coração para outro ser que esteja na fila de espera lutando pela e em favor da vida?

Entendi todo o processo dessa ação em benefício da doação de órgãos como uma Apresentação Confusa. “Situação em que o receptor atribui à mensagem um significado que discrepa do significado pretendido pelo emissor.” (PARRY, 1972, p. 123). Deixando a meu ver qualidade da apresentação duvidosa, diante do material exposto ao público. Tornando a dúvida um dos ingredientes da ação como fator primordial numa



propaganda que exige e deve remeter o máximo de esclarecimento e entendimento a qualquer pessoa. Uma vez feita e exibida a confusão, o consumidor deixará de dar credibilidade ao manifesto e por fim tornar a divulgação de tal anúncio, seja ele qual for, enganosa e negativa. Além de outros atributos que possam denegrir e derrubar todo um trabalho publicitário onde é necessário todo um processo de começo, meio e fim da peça.

Contudo, as perdas decorrentes de um trabalho que poderia atrair um maior número de pessoas interessadas em querer doar seus órgãos ou de parentes que venham a falecer, mas que diante de tal ponto exposto de forma não tão bem explicativa chegará a determinar o grau de qualidade da informação contida na mensagem. Levando o receptor a realizar diversos tipos de leitura e julgamento contrário àquilo que a princípio seria o objetivo inicial e comum a todos. Dentro dessa perspectiva o entendimento no enunciado deve ser o elemento principal para a permanência constante do que se deseja passar a entidade responsável pela sua divulgação.

Os princípios da apresentação clara são de grande importância para a educação. Entre os defeitos de um mau professor podem mencionar-se a ênfase defeituosa, a má organização da matéria, a inclusão de matéria não essencial, a escolha insatisfatória de palavras e a exposição mal feita. (PARRY, 1972, p.127).

Entretanto, a divulgação de qualquer que seja o produto ou mensagem institucional a ser passada, não venha a carecer de habilidades específicas para chegar ao entendimento apenas do medíocre e do inadequado. Vez ou outra encontramos pessoas dotadas de intelecto suficientemente preparadas para fazer a leitura de anúncios publicitários, no entanto essas mesmas pessoas se encontram atribuladas da mesma maneira que outras que não tenham a sensibilidade de interpretação.

Todavia, é importante ter cautela no preparo de algum trabalho deste âmbito para que o entendimento seja atingido ao máximo entre os consumidores e não cause confusão nas suas variadas formas de visões.

IV Plantando a incomunicação

Numa cidade do agreste pernambucano, encontra-se uma cooperativa com mais de 20 anos de existência atuando na comercialização de legumes. A Cooperativa Nossa Terra teve como primeiro presidente Francisco Cunha, também conhecido na região por “seu Chicão”.

Seu Chicão foi o primogênito de uma família de agricultores familiares que tirava o sustento das vendas dos legumes nas feiras livres, como por exemplo, cebola, chuchu, cenoura, pimentão e beterraba, cultivados na produção familiar. Com seus vinte e poucos anos seu Chicão casou e teve apenas um filho, pois não pôde mais ser pai depois que tivera uma caxumba causando a sua esterilidade. O único filho de seu Chicão se chama Francisco Cunha Júnior, apelidado pelos familiares e vizinhos da comunidade de “Chiquinho”.



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013

Com as responsabilidades do matrimônio e da paternidade, além do falecimento dos seus pais, seu Chicão se viu na obrigação de administrar os negócios da família, oriunda da agricultura familiar. Como o homem dos negócios da família, ele se chateou bastante com a baixa lucratividade da agricultura familiar, tendo apenas cerca de 10% de rentabilidade em cima do que cultivava na plantação familiar. Cansado de trabalhar muito (acordava às 4h para a colheita, ficando com o seu tabuleiro das 6h às 18h na feira livre do município em que residia) e ganhar pouco dinheiro, ele decidiu conversar com outros vizinhos que tinha esta mesma rotina para encontrar uma maneira de lucrar mais com o negócio. Desta forma, surgiu a Cooperativa Nossa Terra, que seria presidida por seu Chicão e tendo como vice-presidente, o seu filho Chiquinho, aclamados pelos agricultores familiares da comunidade.

A Cooperativa Nossa Terra surgia com a finalidade de auxiliar os cooperados na comercialização dos legumes já que o agronegócio estava minando o campo de atuação dos agricultores familiares. A cooperativa surgiu com 20 cooperados, cada um desembolsando R\$5 por mês.

Como presidente seu Chicão tinha como responsabilidade fechar negócios com grandes supermercados, mercearias, feirantes de grande e pequeno porte, além da exportação dos produtos. Para transportar as mercadorias a cooperativa adquiriu dois caminhões. Já no traslado das exportações, as mercadorias ficavam a cargo da empresa que as adquiria.

Além da comercialização dos produtos seu Chicão tinha como preocupação a integração dos seus cooperados visando intensificar o espírito de solidariedade e união que conduz a prática da cooperação. Sempre na última sexta-feira do mês, logo após a reunião dos cooperados o presidente da Nossa Terra promovia uma confraternização na sede do órgão com bebidas e alguns petiscos, onde eles discutiam os mais diversos assuntos, como por exemplo, futebol, política, habitação, automóveis, relacionamentos amorosos, etc. A cooperativa se tornara um segundo lar para muitos dos cooperados, devido ao espírito familiar. O responsável por tamanha façanha era seu Chicão, um homem humilde, educado e acima de tudo de uma simplicidade que conseguia agregar pessoas que tinham desavenças das mais sérias, as mais banais. Seu Chicão era de fato o coração da Cooperativa Nosso Lugar.

Numa tarde de domingo, após o almoço com a mulher e o filho, seu Chicão sentou na sua cadeira de balanço para chupar uma manga que ele mesmo pegou na árvore de seu quintal pela manhã. Como de costume ele ficava contemplando a paisagem do seu quintal, com uma vasta vegetação de rosas, ao som do cantar dos pássaros. As horas foram passando e seu Chicão não acordava. Para desespero da mulher quando ela tocara nele, ele estava morto.

A morte de Seu Chicão comoveu o município. Ele tinha o carinho e o respeito de todos na comunidade, pois o mesmo se dava bem com o homem mais fino ao mais humilde da comunidade. Segundo o estatuto da cooperativa, no caso de problemas de saúde ou



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013

morte do presidente caberia à responsabilidade de geri-la o vice-presidente, ou seja, Chiquinho.

Chiquinho era um jovem formado em agronomia que nos 12 anos de mandato do pai pouco teve a oportunidade de gerir o órgão. Mas se sentia na responsabilidade de prosseguir de forma brilhante com a Cooperativa Nossa Terra, assim como o seu pai vinha fazendo. Chiquinho deu continuidade a forma de gerenciamento que o pai adotava. Entretanto, ele sempre teve um sonho desde que seu Chicão era o Presidente, que era a intensificação da agricultura agroecológica por meio dos cooperados da Cooperativa Nossa Terra.

Para o melhor entendimento dos membros da cooperativa sobre a intensificação da agricultura agroecológica os funcionários do Instituto Agroecológico de Pernambuco realizaram uma palestra na sede da Cooperativa Nossa Terra. Segundo os estudiosos o uso de pesticidas só ocasiona os males no meio ambiente e na saúde humana. Já agroecologia é uma estrutura metodológica que engloba as ideias da agronomia, ecologia e economia da sociedade tendo como objetivo a fecundidade do solo, o desenvolvimento e a preservação das culturas.

Antes mesmo do término da palestra muitos dos cooperados deixaram a sede insatisfeitos com proposta de Chiquinho na intensificação da agricultura agroecológica, por parte da Cooperativa Nossa Terra.

Baseando-se nas barreiras da comunicação Parry (1972, p. 96):

“[...] o caso da pessoa que, se bem eficiente no lidar com situações que se conformam a uma regra conhecida, se sente perdida assim que surge uma situação excepcional”. Neste caso observou-se a “limitação da capacidade do receptor”, visto que os cooperados antes mesmo de participarem da cooperativa já utilizavam agrotóxicos no cultivo dos produtos. Para esses homens que cresceram acreditando num modelo, mudar as suas práticas de trabalho não é fácil, pois não tiveram o conhecimento científico do que pode ou não na agricultura, o que a vida e os seus familiares lhes ensinaram foi “o importante é a comida na mesa de casa”.

A outra barreira de comunicação na cooperativa é a “presunção não enunciada”. De acordo com Parry (1972, p.102): “Quem quer que procure comunicar idéias precisa ter consciência da necessidade de buscar as apalpadelas, palavras e frases apropriadas para expressá-las”. Os cooperados não têm o conhecimento científico que os funcionários do Instituto Agroecológico de Pernambuco têm, além disso, esses últimos afirmaram que os pesticidas só ocasionam os males no meio ambiente e na saúde humana. A linguagem utilizada pelos estudiosos foi teórica, esquecendo-se de uma linguagem mais coloquial para o melhor entendimento dos agricultores.

Supõe-se também como barreira a “intrusão dos mecanismos inconscientes ou parcialmente conscientes”. Segundo Parry (1972, p.121): “Tôdas as sociedades têm os seus valores aprovados e embargados, cuja soma concorre muitíssimo para definir lhes



o clima de opinião.” O objetivo de Chiquinho e dos funcionários do Instituto Agroecológico de Pernambuco na intensificação da prática agroecológica não surtiu efeito na cooperativa porque os agricultores interpretaram a agroecologia uma perda de tempo dos estudiosos. Os agricultores só acreditam no modelo de cultivo que eles mesmos utilizam, ou seja, o uso de insumos e pesticidas nas plantações.

V. Verdade suburbana de uma adolescente

Esse episódio aconteceu em um bairro do município do Recife, onde a personagem Maria Eduarda, 19 anos, foi vítima de uma incomunicação envolvendo alguns critérios segundo John Parry, limitação da capacidade do receptor, distração (ruídos) e, principalmente, presunção não anunciada. A personagem foi motivo de um mal-entendido durante muito tempo.

Aquela manhã de sábado parecia como qualquer outra, Maria Eduarda, acordou como de costume às 6 da manhã para tomar seu leite, ir ao banheiro e voltar à cama. Sua mãe, já de pé, observava sua filha e suas ações ao acordar e antes que a menina com olhos inchados, cabelos assanhados voltasse ao seu quarto para completar o sono, sua mãe indaga: - Maria Eduarda você vai ao cabeleireiro que horas? Pois hoje será um dia que o salão estará cheio por causa da noite de Natal.

A filha olhou para sua mãe sem gostar muito do questionamento, pois se espertasse teria que sair mais cedo e não completaria seu sono. Levantou e após tomar seu leite seguiu em direção ao quarto e voltou a dormir. Por volta das dez e meia a garota levanta assustada, pois pensava que já havia passado do meio dia. Correu para o banheiro tomou seu banho, voltou a tomar seu café da manhã e ao terminar, trocou-se e foi ligar para o salão de beleza, pois logo mais à noite iria se encontrar com seu namorado, rapaz educado, moço de família. Conseguiu marcar o horário para arrumar os cabelos.

Seguiu em direção ao seu quarto, pois a moça não saía de casa sem uma breve produção. Abriu o guarda roupa, pegou seu estojo de maquiagem e prontamente em frente ao espelho começou o ritual da beleza, sua mãe por outro lado sempre lhe questionando, querendo saber o porquê de tudo aquilo. A menina sem dar muita importância à sua mãe continuou a se maquiar. Ao terminar, deu uma breve olhada para o espelho e disse: Pronto! Agora posso ir.

Saiu de sua casa pouco tempo depois, seguiu para o salão, antes que chegasse ao seu destino, encontrou com uma amiga e começou a prostrar durante uns trinta minutos, depois seguiu na mesma rua, pois o salão ficava ao final, por onde ela passava as pessoas olhavam, falavam e cochichavam. A garota muito simpática cumprimentava a todos.

Quando chegou ao salão a adolescente já chamava a atenção de todos que ali estavam, porque além da menina ser bonita, ela sempre andava muito arrumada e maquiada, só lhes faltava o cabelo para completar-lhe a beleza.



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013

A moça falou com todos, muito comunicativa puxou logo um assunto e todos muito empolgados com o desenrolar da conversa, prestavam atenção para não perder nenhum detalhe da história. Ela falava sobre quase tudo, novela, moda, beleza e até etiqueta, mas o que a menina gostava mesmo de falar era sobre namorar e dançar. E todos entusiasmados começaram a prestar atenção em tudo que Maria Eduarda falava, foi quando, de fato, o assunto que mais lhe interessava pegou forma e a menina começou a falar do seu namoro. Ela dizia que gostava muito de paquerar, namorar, conhecer pessoas, pois era uma menina muito alegre e que tinha ânsia de viver a vida. Foi quando, no meio da conversa, a cabeleireira perguntou – E todas as vezes que você sai pra namorar faz essa maquiagem? A menina respondeu sorridente: - Eu a deixo mais forte, pois é o que a noite pede quando estou com alguém. A cabeleireira fez um tom irônico e balançou a cabeça concordando e continuou a trabalhar e a ouvir tudo que a menina falava. Passaram horas conversando até chegar a hora de Maria Eduarda arrumar seu cabelo. Quando tudo terminou, a menina estava mais bela que nunca. Falou com todos e foi pra sua casa. Saiu à noite com seu namorado e só voltou às 4h30 da manhã.

Dormiu e quando acordou fez o mesmo ritual de todos os dias. Nessa manhã foi comprar pão e ao passar em sua rua, ninguém mais falava com ela, expressões estranhas ao olhar a moça que cativava a todos, e mesmo sem entender prosseguiu até a padaria. Chegando lá, encontra-se com uma amiga que imediatamente lhe aborda e pergunta: Que história é essa de que você está trabalhando como dançarina em uma boate e que fica com uma maquiagem super forte e depois saía pra fazer programas?

A menina na hora que ouviu o questionamento da amiga desistiu imediatamente do que ia fazer e voltou para casa chorando. Aquele dia de domingo foi muito difícil, pois o que ela havia falado no salão foi interpretado de maneira errada, ela pensava: Como iria sair daquela situação, pois não teria como desfazer o boato. Ficou o dia trancada em sua residência, apenas recebendo ligações dos amigos, vizinhos e de estranhos passando trotes e fazendo piadas.

O tormento do comentário não acabava por aí, no dia seguinte aos chegar a sua escola, a calúnia já havia tomado conta dos corredores e salas, pois a sobrinha da cabeleireira também estudava na mesma escola, no horário da manhã. O turno da tarde que era o que Eduarda estudava as colegas já não se aproximava dela, por conta do boato. A menina sem saber o que fazer, envergonhada não voltou mais para escola e seu namorado, transtornado, terminou o namoro. A vida da adolescente mudaria a partir daquele episódio. Ela já não comia, dormia e nem saía de casa, pois estava envergonhada com o que a cabeleireira havia divulgado com um exemplo que ela contou, pois a mesma tinha divulgado um mal-entendido e a garota foi prejudicada por causa de um ruído na comunicação.

A menina ainda tentou falar com a cabeleira, mas de nada adiantou, pois a mesma não estava disposta a reverter essa situação.

A rotina de Maria Eduarda mudou completamente e passou muito tempo sem sorrir e nem falar com as pessoas pelo fato de todos terem um conceito errado sobre ela.



Neste caso, houve a falta de compreensão que segundo Parry (1972) a suposição pode referir-se ao significado de uma palavra ou frase, à informação implícita numa preposição, ou ao conhecimento de toda área de discussão, o que podemos chamar de presunção não enunciada.

Um mal entendido, uma distração na conversa fez com que a comunicação não fosse completa, causando assim, distorção no que foi falado e transtorno a quem a transmite a mensagem, ainda segundo Perry, A suposição pode referir-se ao significado de uma palavra ou de uma frase, à informação implícita numa proposição, ou ao conhecimento de toda uma área de discussão. No caso citado, houve uma barreira em relação ao significado no que foi transmitido pelo emissor. Esse tipo de incomunicação é bastante comum em bairros de baixa renda.

VI. Vivendo e aprendendo: agricultores *versus* ater

O Povoado de Mocotó fica localizado na zona rural da cidade de Vitória de Santo Antão/ PE; distante 10 km do centro. A mesma já foi considerada cinturão verde de Vitória de Santo Antão, principalmente por sua enorme plantação de hortaliças folhosas, na qual abastece as cidades circunvizinhas e a capital. Com aumento do êxodo rural e o uso indiscriminado de agrotóxicos na região, a mesma deixou de fazer parte desta categoria; hoje com suas terras já bastante desgastadas, seu atual abastecimento encontra-se reduzido, suas terras já não produzem da mesma maneira, qualidade e quantidade; tornando-se de certa maneira um caminho aberto para afastar ainda mais alguns moradores para a zona urbana ou fazendo com que abandonem a prática do ofício.

Desde então, profissionais ligados diretamente à área da Assistência Técnica Rural – ATER acompanham essas famílias praticantes da agricultura de base familiar. Apresentam, discutem, dialogam e trazem propostas e projetos aos encontros na associação dos produtores rurais do local, a fim de amenizar e conscientizar suas práticas de cultivo; estas com maneiras mais saudáveis de plantio, sem o uso do defensivo agrícola e/ou ao menos, com a importância do uso moderado e que venham atender o prazo aplicabilidade do tóxico, respeitando as normas preventivas ditadas pelo mercado.

Além de palestras e visitas aos locais de produção, o uso de panfletos e livrinhos fazem parte na maioria das vezes desses encontros; mas geralmente em nada vem proporcionando melhoras na prática.

Certo dia, conversando com um dos agricultores dessa localidade, o mesmo me disse que á poucos anos, necessitou ser levado às pressas ao hospital local da cidade, no qual foi socorrido com fortes dores de cabeça e nas articulações, suas mãos já não fechavam e força para segurar algo já não existia. Depois de várias horas e ao ser examinado, em conversa com o médico plantonista, desconfiando do seu caso clínico, ele lhe perguntou qual era sua profissão? O mesmo respondeu que agricultor; á princípio surgiu logo a suspeita, mas minutos depois seu problema de saúde foi praticamente desvendado: “O



uso abusivo dos venenos nas plantações, a qual não fazia o uso sequer de equipamentos de proteção” havia atingido sua parte neurológica.

Assim, neste mesmo local de Vitória de Santo Antão, ainda permanece até hoje a prática da agricultura de plantio convencional com o uso abusivo desses tóxicos, mas a experiência que esse agricultor passou, serviu para que ele se afastasse, e de tal modo começasse o cultivo de plantio orgânico. Junto com alguns moradores/as fundou: “A associação dos produtores orgânicos de Mocotó”, e hoje produz alimentos mais saudáveis, suas terras a cada dia tornam-se mais protegidas, produtivas e a segurança alimentar da família garantida.

Assim, desse exemplo, pode-se extrair duas barreiras na comunicação proposta por Parry (1972): “A capacidade da limitação do receptor e Incompatibilidade de esquemas”. Verifica-se que a situação mencionada no qual especificamente o agricultor só acreditou nas informações anteriormente passadas e discutidas inúmeras vezes pelos profissionais da ATER, quando sofreu as consequências das ações acometidas. Contudo, o velho ditado popular: “ver para crer” teve que advir.

Assim para Parry (1972), “Dizer que se atingiu o limite da capacidade é dizer que todos os recursos psíquicos do receptor foram mobilizados para lidar com a entrada”. (p. 94).

Outro fato mencionado, que chamou atenção; é que mesmo com o uso de panfletos informativos e tantas outras ferramentas trabalhadas e mostradas nas visitas, os atores sociais envolvidos, não seguem, ou não acreditam e/ou sequer compreendem como “mais corretas” e “saudáveis” ao meio em que vivem”.

Portanto seria este um caso de incompatibilidade de esquemas, onde nenhuma informação sem interpretação é uma ideia implícita na afirmativa de que a percepção representa uma transação entre o ser humano e seu meio. Parry (1972, p. 107).

Logo, nem tudo que se é dito e ensinado é assimilado, e se assimilado não é compreendido da maneira de se deveria. Levar em consideração uma realidade (Sócio, política, econômica e cultura) requer considerar no outro seus fatos vivenciados.

Considerações Finais

Considerando os casos expostos, observamos que o sucesso da comunicação diante de uma cultura que não possui similaridade no local, as mensagens e tipo de linguagem e interesses, devem possuir objetivos claros e bem enfatizados.

Com estes panorama apresentado, podemos criar mais barreiras que podem ser agregadas ao que Parry sugere na década de 60.



XVI CONFERÊNCIA BRASILEIRA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO
“FOLKCOMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL”
Juazeiro do Norte-CE, 26 a 28 de Junho de 2013

Uma nova forma de comunicar a cultura. E assim apresentamos mais cinco barreiras críticas, são elas: Situação familiar, Conhecimento e motivação no trabalho, Habilidades interpessoais, Flexibilidade, adaptabilidade e Abertura cultural.

Assim numa cultura diferenciada, devemos respeitar as regras da linguagem e como ela é utilizada, considerando que uma mensagem pode ser mal expressada e automaticamente mal interpretada.

Referências

BERLO, David K. O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HABERMAS, J. Agir comunicativo e razão destranscendentalizada. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

MACIEL, Betania, et al. Quinze casos de incomunicação. Trabalho apresentado no VII Sipec-Sudeste. Simpósio de Pesquisa em Comunicação Mogi das Cruzes, 1998.

MACIEL, Betania, et al. Quatro Casos de Incomunicação. Trabalho apresentado no Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2005.

PARRY, J. Psicologia da comunicação. São Paulo: Cultrix, 1972.